

TEATRO  
SÃO LUIZ

1 - 11 JUN  
2022

TEATRO/ESTREIA

M/12

MÁ-CRIAÇÃO (PT) FOGUETES MARAVILHA (BR) DIMENTI (BR)

# SUBTERRÂNEO

## UM MUSICAL OBSCURO

TEXTO ALEX CASSAL E FELIPE ROCHA

ENCENAÇÃO PAULA DIOGO E RENATO LINHARES



À CONVERSA COM  
**ALEX CASSAL E FELIPE ROCHA**

RESPONSÁVEIS PELA DRAMATURGIA DE  
*Subterrâneo – Um Musical Obscuro*

**Fazendo os dois parte dos Foguetes Maravilha, mas estando o Alex a viver em Portugal e o Felipe no Brasil, já há algum tempo que não escreviam uma peça assim a quatro mãos, não era?**

**Felipe Rocha (F.R.):** Na verdade, a gente nunca trabalhou nessa dinâmica.

**Alex Cassal (A.C.):** E só escrevemos juntos aqui em Portugal.

**F.R.:** Pois foi. Escrevemos juntos na primeira vez que estivemos cá, para o projeto *Estúdios*, em 2009, com o Tiago Rodrigues e depois no espetáculo que fizemos com ele, Cláudia Gaiolas, Paula Diogo, Renato Linhares e Stella Rabello, o *Mundo Maravilha*, em 2012.

**A.C.:** Escrever juntos, mesmo juntos, foi só agora mesmo.

**F.R.:** ...Porque, tanto nos *Estúdios* como no *Mundo Maravilha*, cada um trazia uma cena e juntávamos os materiais numa obra só. Todo o mundo ficava muito à vontade para escrever sobre o material que o outro trazia para os ensaios. Nos Foguetes Maravilha, onde colaboramos há mais de dez anos, ou fazemos espetáculos com texto do Alex ou texto meu, nunca dos dois como aqui. Sempre com liberdade para mexer no texto do outro. Agora aconteceram vários formatos: tanto alguém trazer uma coisa pronta como a gente escrever juntos num Google Doc partilhado entre Lisboa e o Rio de Janeiro.

**A.C.:** Sim, de facto, desta vez foi uma inauguração. E foi empolgante, porque

já nos conhecemos e trabalhamos juntos há muito tempo. Foi um encontro muito potente.

**F.R.:** É curioso pensar o quanto Portugal faz parte da nossa história. É legal pensar que as únicas três vezes em que a gente efetivamente escreveu juntos foi em Portugal.

**A.C.:** As vindas para Portugal foram sempre muito determinantes para a nossa trajetória. Foi aqui que se estabeleceu o que continua a ser o núcleo dos Foguetes Maravilha. Esses encontros foram sempre muito renovadores, para pensarmos para onde a gente está caminhando, para onde a gente quer ir.

**F.R.:** E tem uma coisa artística e afetiva muito forte nesse reencontro com Paula Diogo e a Cláudia Gaiolas, que conhecemos nos *Estúdios* e com quem continuámos sempre a colaborar, de alguma forma.

**Porquê este reencontro em torno da história dos mineiros presos numa gruta, no Chile, em 2010?**

**A.C.:** Nem sei localizar bem esta ideia, às vezes é difícil lembrar onde está sementinha... Foi uma ideia que tive com a Paula Diogo, não me lembro a propósito de quê, e depois virou uma ideia coletiva.

**F.R.:** Alex é o dramaturgo do fim do mundo. Quando aconteceu a covid, a gente ligava para ele e perguntava: “E agora, Alex, o que vai acontecer a seguir? Quando pinta essa vacina?”.

**A.C.:** Adoro ficção científica. Há um tema a que vou voltando, mesmo de forma inconsciente: a ideia de que estamos aqui numa espécie de confinamento. Muito antes da covid já. Com os Foguetes Maravilha fizemos um espetáculo com astronautas numa estação espacial, outro em que eram sobreviventes do apocalipse zombie presos no teatro enquanto lá fora só havia mortos vivos. No *Mundo Maravilha*, éramos atores a viajar num veleiro que naufragava. Esse tema interessa-me porque cria uma discussão sobre estratégias de relacionamento, que quase são aquelas de quando se começa a ensaiar um espetáculo. Meta linguisticamente, estamos a falar sobre criação artística. Aqui usamos a mina e o desabamento e essas pessoas presas para falar sobre o nosso trabalho e também sobre o mundo. A covid ressoa, a guerra ressoa, Bolsonaro ou o Chega ressoam... Tudo isso nos faz pensar na nossa relação com o mundo.

**Vocês começaram por escrever um livro e não um texto para teatro, não foi?**

**A.C.:** O Renato Linhares propôs isso logo no início quando fizemos a primeira residência, uns no Porto, outros no Brasil, encontrando-nos por Zoom. Eu tinha pensado que ia desenvolver temas, cenas e personagens e a proposta do Renato levou-nos a repensar o que é a escrita para um espetáculo.

**F.R.:** No dia seguinte ao Renato nos propor isso, o Alex trouxe um livro feito, que é a primeira cena que ficou no espetáculo. É a cena que deu o mote para trabalharmos, que nos indicou como lidar com essa história. Porque

desde sempre sabíamos que não queríamos necessariamente nos restringir a essa história dos mineiros. Interessava-nos muito mais falar de buraco, de estar preso, no escuro, sem saída, de como é que cada um se relaciona com esse sentimento. Pensamos em Trump e Bolsonaro, em melancolia, na Covid... Curiosamente essa ideia é anterior à Covid, mas acabámos por viver esse isolamento, o estar preso num lugar.

**A.C.:** Sim, é engraçado porque este projeto é anterior a Bolsonaro, à pandemia, à guerra, a tudo isso em que pensamos agora... O texto inicial do espetáculo foi o primeiro texto que escrevemos, discutimos e pensamos. Foi a partir da provocação do Renato para escrever um livro, que pensei em como localizar isso para fora da história e das personagens. Para mim, essa primeira cena é, ao mesmo tempo, o som do desabamento – e isso é uma coisa para mim, que não sinto que tem de ser traduzida para o espetáculo – e é uma tentativa de ampliar essa ideia de buraco onde estão 33 mineiros chilenos para pensar o buraco da depressão, o buraco do confinamento, da Covid, da situação política no Brasil... Quando dizemos “estamos num buraco” é muito pouco literal. Pensamos em buraco existencial, nacional, político, financeiro, o que a gente quiser. E esses acontecimentos recentes foram colocando outras perspetivas em cima da mesa, ajustando a nossa perspetiva sobre a ideia de estarmos num buraco.

**F.R.:** Foi readequando, como acontece em qualquer peça. A gente sempre lê *Senhorita Júlia* ou *Hamlet* de acordo com o que sentimos. O leitor e o espectador também transformam a obra.

**E este é um texto que deixa bastante espaço à interpretação.**

**F.R.:** Sim, é um espetáculo que tem muita abertura para a interpretação do espectador, embora a história desses mineiros tenha permanecido muito presente. Tem muita coisa, tanto nas músicas quanto nos textos, que parte desse pressuposto dos mineiros. Em algum momento, um ator fala: “a comida acabou”. É dos mineiros que estamos a falar. Imagino que o espectador já chegue na sala sabendo que o ponto de partida é essa história. Talvez esta peça seja um pouco como num sonho. A história dos mineiros corre em paralelo com o espetáculo. Partimos desta história, mas depois ela leva-nos para onde a gente quiser.

**A.C.:** Desde há muito que não temos, no nosso trabalho, um apego à coerência ou ao realismo.

**Acabaram por ter influência depois no que saiu desse livro para o palco?**

**A.C.:** Pensando nas ideias iniciais, tive vontade de falar sobre *Viagem ao Centro da Terra*, de Júlio Verne, que é um livro que adoro desde adolescente. Esta história convergia para o mesmo lugar daqueles exploradores em túneis debaixo da Terra numa aventura de fantasia, de ficção científica... Escrevi algumas coisas que não foram para frente no espetáculo. E o Felipe pegou a ideia do *Viagem ao Centro da Terra* como uma referência para uma outra cena em que o personagem dá de presente esse livro. Os temas e as ideias foram transitando.

**F.R.:** Havia essa cena linda que o Alex tinha escrito sobre *Viagem ao Centro*

*da Terra* e vi que estava a ficar de fora do espetáculo, como de facto ficou. Então, escrevi que alguém ganhava de presente esse livro, para ver se puxava o fio e se ficava no espetáculo. E acabou por ficar essa cena em que alguém oferece um livro e não ficou a outra.

**A.C.:** E isso sem dor nenhuma. Essa é uma cena de que gosto bastante e quando ela ficou de fora, quando perdeu o trem da história, pensei: “Vou usar isso noutra espetáculo”.

**F.R.:** E ainda há uma outra de que dissemos: “Tomara que eles deixem de fora, que assim a gente escreve mais um pouco e tem outro espetáculo”. Sempre houve aqui um fluxo muito livre, para Paula e Renato poderem usar o que quisessem.

**A.C.:** Esse projeto e esse processo de trabalho está assente na confiança.

**F.R.:** Confiança e admiração mútua. Acho que esta equipa toda gosta muito do que os outros fazem e propõem.

**A.C.:** Isso dá muita tranquilidade. Não me importo nada que o Felipe interfira em materiais que partiram de mim, que a Paula e o Renato reorganizem, criem novos materiais a partir do que escrevi e que os atores e os músicos mudem coisas também.

**F.R.:** Sim, tem muita coisa improvisada pelos atores, muitas propostas da Paula e do Renato. E também isso nos fez olhar de volta para alguns textos e reescrever algumas coisas. Aconteceu, por exemplo, depois de um ensaio, transformar um monólogo numa cena falada por três atores. É pegar nos improvisos e procurar novas forças.

**A.C.:** Às vezes é só quase mudar de direção e olhar para o outro lado daquilo. O que a gente está fazendo, enquan-



© João Tuna

to autores, é dramaturgia ou é texto? Tenho um critério meio vago de que texto é quando escrevo e entrego e é basicamente aquilo que os atores e o encenador vão trabalhar. Na dramaturgia é quando reorganizo os materiais que foram aparecendo no processo de trabalho. Aqui a gente entregou um texto que foi aproveitado em parte e os encenadores e os atores criaram muita coisa. Muitas vezes dizemos: “Experimenta esta versão do teu improviso”.

**E como surgiu a ideia de contar esta história através de um musical... mesmo que não seja um musical convencional?**

**F.R.:** ... A gente já falava brincando, há algum tempo: “Um dia vamos fazer um musical”. E aqui gostámos desse choque de contar uma história trágica através de um musical que tende normalmente a ser uma coisa da alegria, de iluminação. Isso trazia uma fricção interessante. A música é muito presente no espetáculo. Tem músicas que escrevi antes de começarmos a ensaiar, músicas feitas a partir das cenas e também improvisos que surgiram nos ensaios e a que demos um corpo, sempre tentando não tirar essa bagunça do improviso, que é um aspeto muito vivo, muito espontâneo, mesmo que mais ruidoso e menos organizado. A música é muito bagunçada... Existem muitos instrumentos diferentes em cena, muitos estilos diferentes, muitas texturas diferentes. É meio uma cornucópia de bagunças e isso acaba virando a linguagem do espetáculo, o vocabulário da peça.

**No espetáculo fala-se de pessimistas e otimistas. O que são vocês?**

**F.R.:** Eu sou dos otimistas.

**A.C.:** Eu sou historiador, por isso... Acho que vai piorar antes de melhorar. Vai melhorar, mas ainda tem muito tempo até a gente sair desse buraco.

**F.R.:** É muito louco pensar como a própria humanidade se coloca nesse buraco. É impressionante... talvez seja natural da raça humana essa estupidez, essa ganância. Imaginar que a gente mora num planeta que tem tudo o que a gente precisa e vamos conseguir destruir o planeta e a humanidade! O que penso é que se a gente fizer isso, mas deixar alguns bichos, está tudo jóia, porque os bichos vão viver muito melhor sem nós.

**A.C.:** Sim, pensando no grande esquema das coisas, não fazemos diferença no universo, a gente não vai destruir o universo. Então, a vida continua.

**F.R.:** Mas é impressionante imaginar que a gente é que faz isso. A gente é que elege o Trump, o Bolsonaro, a gente é que começa as guerras e cria poluição...

**A.C.:** ... E tudo isso num período muito curto, comparando com o período dos dinossauros. Eles viveram centenas de milhões de anos, tranquilos, enquanto nós, em cinquenta mil, cem mil anos, estamos à beira de destruir a vida na Terra. Nós somos o meteoro! A capacidade humana é tremenda para o lado que quiser, tem conquistas, a arte, a solidariedade, a generosidade, e tem também essa capacidade de transformar essa bola gigante viva num deserto radioativo! Tendo dito isto, eu estou nos otimistas.

...E À CONVERSA COM  
**PAULA DIOGO E RENATO LINHARES**

RESPONSÁVEIS PELA ENCENAÇÃO DE  
*Subterrâneo – Um Musical Obscuro*

**Porquê propor a escrita de um livro a partir do qual vocês pudessem depois criar um espetáculo?**

**Renato Linhares (R.L.):** Para o Alex e o Felipe foi uma espécie de reencontro dramaturgico e queríamos dar-lhes liberdade para a escrita. De algum jeito, a gente pensou que a literatura conseguisse isso. Pareceu-nos que escrever um livro era também um jeito de dar uma volta maior. Dá mais trabalho... mas a gente gosta de ter trabalho, de criar problemas.

**Paula Diogo (P.D.):** Penso que a ideia do livro também teve a ver com a nossa vontade de, de alguma forma, intervir no texto que ia ser usado no espetáculo. Não queríamos montar uma peça que alguém escrevesse, mas sim criar uma abertura para um processo mais criativo que nos permitisse mais intervenção. E acabámos por ser os elementos desestabilizadores que depois vieram propor uma visão sobre o texto que eles escreveram. Acabou por ser um pouco um passa de mão em mão, entre eles e nós. Foi uma elaboração em cima de outra elaboração, em cima de outra elaboração. Acho que o espetáculo acaba por falar disso também, do nosso modo de fazer teatro, do modo como queremos fazer teatro.

**E como é essa forma de fazer teatro?**

**P.D.:** Neste grupo temos muitas formas de fazer teatro, na verdade. Eu e

o Renato encontramos-nos muito na forma de fazer as coisas que é ativa e exaustiva, atenta às pessoas. Estamos sempre a tentar ativar esse olhar uns sobre os outros, essa responsabilidade de cada um sobre o que está a fazer, essa capacidade de escuta e de resposta. Acreditamos que tem de haver um diálogo constante, uma pergunta constante, um interesse genuíno no que o outro tem para dizer.

**R.L.:** Tem sido bastante flutuante a forma desses encontros, até para manter a fâsca acesa e, ao mesmo tempo, nos dar a chance de contemplar o encontro.

**P.D.:** Não queríamos nunca pôr uma encenação em cima das pessoas, trazer uma encenação feita de casa, quisemos perceber que encenação é que se faz com estas pessoas, que encenação é que sai deste encontro.

**R.L.:** A gente falou muito sobre como não moralizar um tema como esse, já que o teatro pode ser fantasia, imaginação, invenção, ficção. Já que a vida é também, de certa forma, uma grande ficção, um hábito, uma construção, isso faz com que a gente possa também inventar o impossível. Então, penso que o espetáculo ficou nessa fronteira e nessa invenção do que se faz quando a gente está junto e não tem o que fazer, de como é que se passa o tempo. Tentámos manter lógicas de convívio, de cooperação e, ao mesmo tempo, explosões de loucura porque faz parte também.



© João Tuna

### **A pandemia e a guerra trouxeram novas visões sobre a ideia inicial do acidente dos mineiros?**

**P.D.:** Pois, têm sido buracos atrás de buracos... Quando achamos que já estamos quase a sair de uma situação, piora e entramos noutra. Penso que esses acontecimentos são coisas que afetam, mas que, de alguma maneira, são expressões de coisas que já lá estavam. Há um livro que me acompanha nos últimos tempos, *Hope in the Dark*, da Rebecca Solnit, que fala muito da esperança como uma força ativa. De como é que temos de, diariamente, praticar essa esperança ou ativar essa

esperança, de como o ato esperançoso não é um ato relaxado em si, mas é uma força vital que, de facto, produz a mudança. Tentámos também trazer isso para este trabalho: a representação ao longo do espetáculo tem que ser vital sempre, como se pudessemos todos morrer amanhã. Tem de ser urgente. É uma energia que atravessa o espetáculo. E isso relaciona-se com tudo o que tem acontecido nos últimos tempos, aliás, com tudo o que recorrentemente acontece na História, parece é que não conseguimos sair daí, não é?

**R.L.:** No texto, há uma altura em que se fala que como o deserto de Atacama

foi um mar e de como mudar leva tempo. É que demora o mesmo tempo para o deserto virar mar. Não sei se gosto de pensar nisso, mas a gente tende a cair nos mesmos erros, a repetir as mesmas coisas...

**... a entrar nos mesmos buracos e a não conseguir sair de lá...**

**P.D.:** Neste processo também falámos muito do que significa sair do buraco. Sair do buraco não é necessariamente a solução ou será? Se calhar nunca se sai do buraco, é só tornar esse buraco o melhor possível.

**R.L.:** A gente precisa de estar junto.

### **A importância de estar juntos é uma ideia central no espetáculo.**

**P.D.:** Estes mineiros terem ficado confinados juntos foi um acaso, mas é importante as pessoas que escolhemos para ficarem perto de nós, para nos acompanharem, nem que seja temporariamente.

### **Como chegaram, nos ensaios, a este formato de musical obscuro?**

**R.L.:** Logo no começo, a gente deu uma desmembrada na palavra *musical*, levando em consideração que ela não é *teatral* nem *dançal*, mas sim *musical*. A música tem essa importância no nosso encontro. Aqui existe esse desafio triplo de atuar, dançar e cantar. É estar a desafiar-se o tempo inteiro, produzindo no espaço da ficção, da atuação, da contação de história ou no espaço do movimento da dança, do gesto, da música. E em todas essas coisas uma é a outra, porque falar é cantar, a música também conta histórias e o gesto também fala muito. Trabalhámos bastante aí.

### **O espetáculo tem momentos muito diferentes, texturas diferentes.**

#### **Com a ideia de provocar sentimentos diferentes também?**

**P.D.:** Quando achamos que já percebemos, muda. São chamadas de atenção, para nos relacionarmos com o que está a acontecer de outra maneira. De repente, a proposta é outra. Quando uma coisa é dada como certa, não é assim tão certa, muda, já é outra coisa. É assim que tem sido também o processo, é assim que o espetáculo tem sido construído.

**R.L.:** E penso que esta é uma união de pessoas de lugares muito diferentes, o que acho muito bonito. Não é exatamente uma peça feita de um encontro confortável de pessoas que habitam o mesmo ambiente no mundo. As pessoas vêm cada uma de um canto, cada uma de uma formação, todos dentro da língua portuguesa. Isso reforça a ideia de que a gente tem que rebolar... Fica a pergunta: o que faz a gente estar junto? Tão distantes e também tão próximos de repente.

### **Termino com a mesma última pergunta feita ao Alex Cassal e Felipe Rocha: vocês são dos pessimistas ou dos otimistas?**

**R.L.:** Acho que, de minuto a minuto, a coisa vai mudando. Daqui a meia hora posso estar no fundo do poço ou numa festa...

**P.D.:** Apesar de tudo, acredito que é o estarmos juntos que nos salva.

*Entrevistas realizadas em maio de 2022,*  
por GABRIELA LOURENÇO /  
TEATRO SÃO LUIZ

1 A 11 JUNHO 2022

TEATRO

# SUBTERRANEO UM MUSICAL OSCURO

MÁ-CRIAÇÃO (PT), FOGUETES MARAVILHA (BR) E DIMENTI (BR)

ESCRITO POR ALEX CASSAL E FELIPE ROCHA  
ENCENAÇÃO PAULA DIOGO E RENATO LINHARES

Sala Luis Miguel Cintra

Quarta a sábado, 20h; domingo, 17h30

Duração: 1h30 (aprox.); M/12

€12 a €15 (com descontos)



10 junho, sexta 20h

Conceção: Alex Cassal e Paula Diogo; Dramaturgia: Alex Cassal e Felipe Rocha; Encenação: Paula Diogo e Renato Linhares; Interpretação: Alegria Gomes, Cláudia Gaiolas, Crista Alfaiate, Fábio Osório Monteiro, Felipe Rocha, João Lopes Pereira, Marco Mendonça, Renato Linhares, Yaw Tembe; Direção musical / Música original: Felipe Rocha; Desenho de luz: Tomás Ribas; Assistência de luz: André Boneco; Espaço cénico: F. Ribeiro; Assistência de cenografia: Saulo Silva; Figurinos: José António Tenente; Desenho de som: Sérgio Henriques; Assistência de som: Francisco Serrano e Gonçalo Carlos; Apoio dramaturgíco: Joana Frazão; Direção de produção: Paula Diogo e Daniela Ribeiro, Produção executiva: Carlos Alves, Ana Barros e Fábio Osório Monteiro; Difusão e Comunicação: Carlos Alves; Fotografia: João Tuna; Residência de coprodução: O Espaço do Tempo e Centro de Experimentação Artística do Vale da Amoreira/Moita; Parceiro: CAMPUS Paulo Cunha e Silva; Apoio à divulgação: Antena 2; Apoio: O Rumo do Fumo

**Coprodução: Má-Criação, Dimenti, Foguetes Maravilha e São Luiz Teatro Municipal**

Projeto financiado por República Portuguesa – Cultura / Direção Geral das Artes

A Má-Criação é uma estrutura apoiada pela Câmara Municipal de Lisboa e acolhida pelo Alkantara

Paula Diogo é uma artista apoiada pela apap - FEMINIST FUTURES, um projeto cofinanciado pelo Programa Europa Criativa da União Europeia

Agradecimentos: António Santos (Brassfeelings), Eduardo Lála, Filipe Melo, Galeria Zé dos Bois, Marcelo Evelin, Mariana Ricardo, Pedro Lacerda, Stella Rabello, Tânia Afonso, Vanda Cerejo.

O Teatro São Luiz/EGEAC é parceiro no Projeto Europeu *Inclusive Theater(s)*  
Rede de desenvolvimento de novos públicos através de ações inclusivas  
para pessoas com necessidades específicas

**Direção Artística** Aida Tavares **Direção Executiva** Ana Rita Osório **Assistente da Direção Artística** Tiza Gonçalves **Adjunta Direção Executiva** Margarida Pacheco **Secretária de Direção** Soraia Amarelinho **Direção de Comunicação** Elsa Barão **Comunicação** Ana Ferreira, Gabriela Lourenço, Nuno Santos **Mediação de Públicos** Téo Pitella **Direção de Produção** Mafalda Santos **Produção Executiva** Andreia Luís, Catarina Ferreira, Marta Azenha, Tiago Antunes **Direção Técnica** Hernâni Saúde **Adjunto da Direção Técnica** João Nunes **Produção Técnica** Margarida Sousa Dias **Iluminação** Carlos Tiago, Cláudio Marto, Ricardo Campos, Sérgio Joaquim **Maquinaria** António Palma, Miguel Rocha, Vasco Ferreira, Vítor Madeira **Som** João Caldeira, Gonçalo Sousa, Nuno Saias, Ricardo Fernandes, Rui Lopes **Operação Vídeo** João Van Zelst **Manutenção e Segurança** Ricardo Joaquim **Coordenação da Direção de Cena** Marta Pedroso **Direção de Cena** Maria Tavora, Sara Garrinhas **Assistente da Direção de Cena** Ana Cristina Lucas **Camareira** Rita Talina **Bilheteira** Diana Bento, João Reis, Pedro Xavier